

Revista de Comunicação Científica: RCC



ARTIGO

EMPRÉSTIMO LINGUÍSTICO NO POVO MUNDURUKU DE MATO GROSSO: CONTRIBUIÇÃO E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA DO PORTUGUÊS NA LÍNGUA MUNDURUKU

*Language loan to the Munduruku people of Mato Grosso:
Contribution and linguistic variation of Portuguese in the
Munduruku language*

*Prêt de langues au peuple Munduruku du Mato Grosso:
Contribution et variation linguistique du portugais dans la
langue Munduruku*

Marcelo Manhuari Munduruku
Mestranda do Programa de Pós Graduação
Scripto Sensu Mestrado Profissional em Ensino e
Contexto Indígena Intercultural - UNEMAT.
E-mail: mcl_manhuari@hotmail.com

Luzia Aparecida Oliva
Professora Doutora do PPGECEII - Programa de
Pós Graduação Stricto Mestrado Profissional em
Ensino e Contexto Indígena Intercultural -
UNEMAT.
E-mail: luoliva@unemat.br

Como citar este artigo:

MUNDURUKU, Marcelo Manhuari & OLIVA,
Luzia Aparecida. Empréstimo linguístico no povo
munduruku de Mato Grosso. Contribuição e
variação linguística do português na língua
Munduruku In **Revista de Comunicação
Científica** – RCC, Jan./Maio, Vol. I, n. 7, pgs 150-
160, 2021. ISSN 2525-670X.

Disponível em:
<https://periodicos.unemat.br/index.php/RCC/index>

Volume I, número 7 (2021)
ISSN 2525-670X

EMPRÉSTIMO LINGUÍSTICO NO POVO MUNDURUKU DE MATO GROSSO: CONTRIBUIÇÃO E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA DO PORTUGUÊS NA LÍNGUA MUNDURUKU

Language loan to the Munduruku people of Mato Grosso: Contribution and linguistic variation of Portuguese in the Munduruku language

Prêt de langues au peuple Munduruku du Mato Grosso: Contribution et variation linguistique du portugais dans la langue Munduruku

Resumo

Este texto apresenta uma proposta de trabalho que tem a finalidade de verificar como a Língua Portuguesa contribuiu com a língua Munduruku para uma comunicação mais abrangente entre as relações do povo Munduruku e o *Pariwat* (não indígena). Além disso, pretende encontrar possíveis pontos dessa proximidade que justifiquem os empréstimos linguísticos existentes no vocabulário Munduruku presentes no diálogo entre pessoas da aldeia Nova Munduruku.

Palavra-chave: empréstimo linguístico, Língua Munduruku, Língua Portuguesa.

Abstract

This text presents a work proposal that aims to verify how the Portuguese language contributed to the Munduruku language for a more comprehensive communication between the relations of the Munduruku people and the *Pariwat* (non-indigenous). Furthermore, it intends to find possible points of this proximity that justify the linguistic loans existing in the Munduruku vocabulary present in the dialogue between people from the Nova Munduruku village.

Keyword: language loan, Munduruku language, Portuguese language.

Resumem

Ce texte présente une proposition de travail qui vise à vérifier comment la langue portugaise a contribué à la langue Munduruku pour une communication plus complète entre les relations du peuple Munduruku et le *Pariwat* (non indigène). De plus, il entend trouver des points possibles de cette proximité qui justifient les emprunts linguistiques existant dans le vocabulaire Munduruku présent dans le dialogue entre les gens du village de Nova Munduruku.

Mot clé: prêt linguistique, Langue Munduruku, Langue portugaise.

Introdução

O povo Munduruku é de tradição guerreira, do tronco linguístico tupi, de origem do alto Tapajós, região conhecida como Mundurukânia, na Terra Indígena Munduruku, no estado do Pará, fronteira com os estados de Mato Grosso de Amazonas: “A Terra Indígena Munduruku está localizada na região sudoeste do Estado do Pará, no Município de Jacareacanga, margem direita do Rio Tapajós. A Terra Indígena Munduruku faz limite a noroeste com a Terra Indígena Sai Cinza e a sul-sudeste” conforme aponta o Levantamento Etnoecológico Munduruku (MELO & VILLANUEVA, 2008, p.19).

Objetiva-se neste texto analisar como foi esse processo no decorrer da proximidade e compartilhamento de informações e conhecimentos para produzir material didático específico que possa ser usado como instrumento pedagógico em ambiente escolar contribuindo no processo de formação de futuros alunos da aldeia Nova Munduruku, e, com isso, desenvolver novas metodologias de ensino/aprendizagem.

Sua população é falante no idioma Munduruku como existe também a que é bilíngue. Existem outras que tiveram contato direto com a sociedade não indígena e falam apenas a Língua Portuguesa,

Os Munduruku, do tronco Tupi, estão organizados em 38 clãs divididos em duas metades exogâmicas: a branca e a vermelha – “de onde se originam não somente as relações de parentesco, como também diversos significados que estão relacionados ao cotidiano da aldeia e com o mundo da natureza e do sagrado” (RAMOS *apud* MELO & VILLANUEVA, 2008, p. 75).

No caso do Povo Munduruku do Estado de Mato Grosso não é muito diferente, alguns falam apenas a Língua mãe, outras falam o português e Munduruku, alguns somente o português. Sua chegada no Estado do Pará data dos meados da década de 1970, período em que o comércio era a exploração e venda de borracha (látex), assim como pele de animais silvestres como jaguatirica, lontras e outros,

Embora o português seja percebido como um idioma de segunda importância (os Munduruku valorizam muito sua língua), hoje o aprendizado do português não deixa de ser importante para os Munduruku. Atualmente, os índios, especialmente os mais jovens, reconhecem que precisam do português para negociar com os “brancos”, defender seus próprios direitos ou ter acesso a cargos remunerados. Sabem também que são necessários os conhecimentos básicos em matemática e nas ciências em geral. (MELO & VILLANUEVA, 2008, p. 98).

O processo de aceitação do povo Munduruku neste território teve muita relação com a conjuntura política nacional da constituinte e as demarcações das terras Indígenas no Brasil. O domínio da Língua Portuguesa foi crucial para que o Povo Munduruku tivesse suas instalações neste território, tradicionalmente ocupado pelos povos Kayabi e Apiaká.

A importância do domínio da língua portuguesa entre os Munduruku, e de certa forma a adaptação de algumas palavras, teve influência para que se busque pontos de partida que possa instrumentalizar este processo e explicitar que os empréstimos linguísticos contribuíram para o processo de aprendizado de outra língua que não fosse a tradicional para os Munduruku. E o quanto este contexto tem contribuído ou construído uma estrutura comportamental que pode, a longo prazo, ser uma ameaça às tradições do Povo Munduruku de toda região amazônica.

Na pesquisa em andamento, é importante enfatizar que é de vital importância para se ter um panorama da realidade, se está acontecendo ou se já aconteceu, e se pode ser irreversível, diante dos avanços dos meios tecnológicos. São essas inquietações que fazem com que seja aprofundado o assunto, partindo de pressupostos, de referências e registros que subsidiem o entendimento para sistematizar os dados durante a pesquisa.

2 Empréstimo Linguístico

O processo de aprendizado de outra língua foi um dos instrumentos fundamentais para os religiosos no período do Brasil-Colônia no intuito de ensinar a religiosidade para os indígenas:

os empréstimos linguísticos constituem-se como resultado do contato entre línguas. Esse fenômeno explorado em diversas pesquisas e publicações em todo o Brasil articula fatores socioculturais, históricos e linguísticos resultantes do contato entre povos. (COUTO *apud* SANTOS & ALBUQUERQUE, 2013).

A imposição da Língua Portuguesa para todas os povos indígenas, inclusive para os Munduruku, pode ter sido o começo do uso de palavras do Português para a língua Munduruku. A imposição trouxe consigo a necessidade de adequação de algumas palavras, pois não há como ser pronunciada em Munduruku, uma vez que não existe no vocabulário. A partir desse ponto de vista, sentimos a necessidade de entender de forma sistemática a adequação que nossos anciãos tiveram que desenvolver para poder descrever ou falar palavras que não existem no cotidiano de nosso povo, uma vez que toda e qualquer língua sofre variações no decorrer do tempo e espaço,

Grande parte dessa importância se deve ao fato de que nenhum povo – assim como nenhum indivíduo – é autossuficiente ou consegue sobreviver de forma isolada, o que, nos dias de hoje, cada vez mais se torna verdade e faz do empréstimo algo normal e corriqueiro em todo idioma vivo, uma consequência natural do contato linguístico e da interpenetração cultural. (MANZOLILLO, 2009, p.50).

O empréstimo linguístico para o povo Munduruku foi necessário para se ter, de certa maneira, *status*, uma vez que, quem tivesse domínio da Língua Portuguesa teria acesso a informações que, posteriormente, seriam incorporadas ao diálogo dos Munduruku, conforme Manzolillo (2009), não existem línguas puras, pois sempre teria influência de outras línguas do convívio próximo,

Além do mais, qualquer estudo sobre empréstimo linguístico deve partir do pressuposto de que não existem línguas puras. Todos os idiomas conhecidos, em maior ou menor grau, adotaram – e continuam a adotar – palavras oriundas de outras línguas. Naturalmente, os idiomas pertencentes a nações desenvolvidas do ponto de vista social, cultural, científico, tecnológico, político e econômico são aqueles mais aptos a exportar palavras. (MANZOLILLO, 2009, p.50).

O Povo Munduruku, assim como todos os povos Indígenas do tronco tupi, não tem muita dificuldade de assimilar as línguas de outros povos, principalmente as que estão em constante contato, é uma característica que começou a ser incorporada no

diálogo entre os Munduruku no decorrer de mais de 100 anos de contato com a sociedade não indígena. Segundo Santos & Albuquerque (2013), esses acontecimentos podem deixar a organização do povo em risco:

Em geral, os povos minoritários têm suas fronteiras linguístico-culturais menos rígidas assimilações de empréstimos de outra(s) língua(s). Com isso, a língua de uso entra em risco de perder seu lugar como língua viva e a este fator adiciona-se outra problemática, os elementos culturais, políticos e econômicos desses povos tornam-se ameaçados. (SANTOS & ALBUQUERQUE, 2013, p. 04)

Esta é uma das principais preocupações da presente pesquisa, nas questões dos empréstimos, embora o termo “*Empréstimo Linguístico*” ainda seja questionado por especialistas da área, que quem empresta precisa devolver, o que não se aplica às línguas e sim a objeto, ainda assim é o termo mais aceito para o entendimento do assunto em questão.

É uma realidade de várias comunidades que têm levantado vários questionamentos entre os Munduruku mais tradicionais e os “modernos”, que, assim como em qualquer tipo de organização, sempre aparecerão divergências quando o tradicional se choca com o moderno.

Esta proposta de pesquisa para o Mestrado em Ensino em Contexto Indígena Intercultural tem como objetivo identificar e contextualizar como foi o processo. Quais caminhos poderíamos utilizar para se ter uma visão mais sistematizada e em qual teoria se enquadra, trabalhando materiais pedagógicos que possam auxiliar professores no ensino de ambas as línguas, tanto Munduruku quanto Portuguesa.

A Escola Estadual Indígena “Krixí Barompô”, da aldeia Nova Munduruku, foi criada em maio de 2008, tem em seu currículo o uso exclusivo de matérias do ensino de saberes indígenas e língua materna, mas não tem materiais que trabalham as estruturas gramaticais Munduruku e isso justifica a produção de material a partir deste trabalho,

Assim, são prioridades decorrentes da especificidade dessas escolas a formação de professores índios e a conseqüente construção de currículos diferenciados, a definição de calendários escolares contextualizados à realidade sociocultural de cada sociedade indígena, a produção de material pedagógico, a adoção de metodologias e sistemas de avaliação que apoiem e reforcem novas práticas pedagógicas indígenas. (RCNEI, 1998, p. 40)

Marcelo Manhuari Munduruku, Luzia Aparecida Oliva

155

Uma vez encontrado o entendimento deste processo, que até agora chamo agregação ou assimilação de palavras da Língua Portuguesa para a Língua Munduruku, há a oportunidade de esclarecer dentro das normas técnicas o caminho para um discurso mais convergente para como certas palavras do Português adentraram no diálogo dos Munduruku nas aldeias, principalmente no Estado do Pará, que temos como referência nas práticas mais tradicionais, incluindo a língua *Mõnjouroko*.

Embora tenhamos produzido alguns materiais como catálogos e pequenos livros em parceria com as Universidades do Estado de Mato Grosso – UNEMAT e UFMT- Universidade Federal do Estado de Mato Grosso, algumas das publicações têm alguns textos em Munduruku, mas ainda não é suficiente para a demanda, pois a cada ano tanto a quantidade quanto a qualidade de ensino precisa melhorar. Citam-se: *Pinturas Corporais e Artesanato de Madeira do Povo Munduruku*, de Marcelo Manhuari Munduruku, publicado pela Editora UNEMAT (2013) e *Saberes Munduruku na Escola - FRUTAS silvestres* (2018), em parceria UNEMAT e UFMT.

3 Situação sociolinguística

É importante destacar que os Munduruku do Estado do Pará tiveram influência de vários seguimentos das ações desenvolvimentistas daquela região, umas delas que demorou por mais tempo foi a dos Jesuítas Franciscanos, e logo depois foi a dos garimpeiros, que até hoje causa desavenças entre grupos nas aldeias da região que era conhecida até a década de 80 como Mundurukânia.

O contexto em que a população Munduruku desta região está inserida vem se agravando no decorrer dos últimos 10 anos, com o aumento da especulação de seu território pelo garimpo e hidrelétricas em sua terra e a implantação de novos sistemas de controle social dentro das comunidades, trazendo discórdias entre lideranças de caciques:

O extrativismo recente representado pela exploração garimpeira é ilegal em áreas indígenas e ocorre na Terra Indígena Munduruku há várias décadas, inicialmente pela exploração de cassiterita e nas últimas décadas pela exploração de ouro, primeiramente por garimpeiros brancos antes da demarcação e por índios após esta. (MELO & VILLANUEVA, 2008, p.164)

A comunidade Munduruku do Estado de Mato Grosso também teve seu momento em que foi inserido na aldeia um comportamento bastante nocivo à organização como a prática somente da Língua Portuguesa. Com a criação e funcionamento da escola Estadual Indígena “Kixi Barompô” houve melhora na valorização da língua materna e demais atividades culturais para o fortalecimento de práticas: “a educação escolar Indígena tem sido um importante instrumento de resistência desses povos, [...]digo que há nas comunidades indígenas um jeito de fazer educação dentro de uma perspectiva intercultural crítica, com uma pedagogia que é Cosmo-Antropológica” (FERREIRA, 2014, p. 24).

Compartilha praticamente os mesmos problemas dos “parentes” do Estado do Pará, como a agressividade da imposição da monocultura do agronegócio e construção de hidrelétrica nos rios que banham a aldeia, que, com sua construção, pode-se ter perdas irreparáveis, e a língua Munduruku estará sendo cada vez mais desvalorizada, pois a busca do poder aquisitivo falará mais alto.

4 Realidade Linguística da aldeia Nova Munduruku

Dentro desta proposta de pesquisa, tem-se como prioridade o diagnóstico na ótica de vários representantes da aldeia Nova Munduruku, com jovens e adultos e, principalmente, com os anciãos, que têm em si o processo histórico do lugar, como o cacique Joaquim Cixi, como também as anciãs.

Os diálogos em comunidade entre os jovens estão sendo apenas em Língua Portuguesa e somente entre as pessoas mais velhas da aldeia é falada a língua materna, este é um pré-diagnóstico, uma visão ainda superficial, diante do que propõe desenvolver para a estrutura de dissertação.

Todas as informações serão feitas na própria comunidade, e, se for preciso, entraria em contato com os Munduruku do Estado do Pará, uma vez que, sem

exceção, todos os falantes da aldeia migraram do Pará. Creio que em nossa realidade há um grande campo de pesquisa a ser feito. Dentro da escola e na comunidade Munduruku sempre houve o discurso de implantação de uma política linguística para o fortalecimento na língua Munduruku, com elaboração e execução de projetos para essa finalidade, que, embora tenhamos alcançado alguns avanços, ainda falta muito para conseguir chegar ao objetivo de fazer com que 80% da comunidade seja falante ativo.

Precisamos de algo mais, que consigamos nos aproximar deste objetivo, como professor com formação em Línguas, Artes e Literatura, e falante passivo do idioma, esta é uma oportunidade de encontrar uma metodologia eficiente nessa questão, um dos principais motivos que me leva a realizar a pesquisa para contribuir com a comunidade, do contrário, não conseguiremos enfrentar mais dez anos de envolvimento constante da Língua Portuguesa em nossa comunidade.

Considerações Finais

Este trabalho é uma demonstração de intenção de pesquisa, que se propõe desenvolver com a comunidade Munduruku, o ponto de referência para todos os questionamentos necessários ao aprofundamento. A primeira impressão que tive com os primeiros contatos com os autores desta linha de pesquisa, foi que este assunto é bastante amplo e pouco explorado, principalmente quando envolve línguas indígenas, pois ainda temos que lidar com conceitos inacabados que nos leva a acreditar cada vez mais que de fato o assunto varia de acordo com o tempo e espaço.

A realidade apresentada me incentiva por acreditar que posso fazer parte deste processo, uma vez que há poucas referências para aprofundamento em assuntos específicos como causa indígena e suas políticas culturais e linguísticas em nosso país. Partindo da Interculturalidade, em especial o povo Munduruku, temos uma jornada de aprofundamento nessas questões, pois a língua *Mõndoroko* ainda está em processo de sua ortografia e estruturação de alguns contextos

debatidos entre os falantes e escritores Munduruku, da Universidade do Estado do Pará e aqui em Mato Grosso.

Enfim, estou otimista quanto à importância deste trabalho, mais ainda com as variações e processos decisórios que estão sendo debatidos entre os estudantes e anciãos Munduruku nas instâncias tradicionais do povo.

Referências

FERREIRA, Waldinéia Antunes de Alcântara. **Educação escolar Indígena na Terra Indígena Apiaká/Kayabi- em Juara-MT: Resistência e desafios**. Porto Alegre, 2014. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 180f. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/87960>. Acesso em 23 de setembro de 2020.

MANZOLILLO, Vito César de Oliveira. **O empréstimo linguístico e sua dinâmica**. Cadernos do CNLF, Vol. XVI, Nº 03 – 2009. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xvi_cnlf/min_ofic/10. Acesso em 14 de outubro de 2020.

MELO, Juliana; VILLANUEVA, Rosa Elisa (Orgs.). **Levantamento Etnoecológico Munduruku: Terra Indígena Munduruku**. Fundação Nacional do Índio; projeto integrado de proteção às populações e terras indígenas da Amazônia Legal; Cooperação técnica alemã – Deutsche gesellschaft für technische zusammenarbeit. Brasília: FUNAI/PPTAL/GTZ, 2008. Disponível em: http://cggamgati.funai.gov.br/files/8314/8829/4911/munduruku_pt.pdf. Acesso 03 de outubro de 2020.

RAMOS, André Raimundo Ferreira. Entre a cruz e a riscadeira: catequese e empresa extrativista entre os Mundurukú (1910-1957). In: MELO, Juliana; VILLANUEVA, Rosa Elisa. (Orgs.). **Levantamento Etnoecológico Munduruku: Terra Indígena Munduruku**. Fundação Nacional do Índio; Projeto integrado de proteção às populações e terras indígenas da Amazônia Legal; Cooperação técnica alemã – Deutsche gesellschaft für technische zusammenarbeit. Brasília: FUNAI/PPTAL/GTZ, 2008. Disponível em: http://cggamgati.funai.gov.br/files/8314/8829/4911/munduruku_pt.pdf. Acesso 03 de outubro de 2020.

RCNEI-Referencial Curricular Nacional Para as Escolas Indígenas- Brasília 1998., Ministério da Educação e Desporto Secretaria de Educação Fundamental MEC/SEF/DPEF, Coordenação Geral de Apoio às Escolas Indígenas. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/77528659/rcnei/26> . Acesso em 17 de outubro de 2020.

SANTOS, Midian Araújo; ALBUQUERQUE, Francisco Edviges. **Contato de línguas: empréstimos linguísticos do português em Krahô**. Anais do SILEL. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013. Disponível em: http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2013_1293.pdf. Acesso em 08 de outubro de 2020.

Recebido: 08/10/2020

Aprovado: 30/11/2020

Publicado: 30/01/2021